

AMIZADES E AFETOS.

(Disponível em arthurlacerda.wordpress.com).

Arthur Virmond de Lacerda Neto. 11.9.2022.

I – Amizades. Expressões de afeição. A mímica afetuosa. Mores de alguma juventude homossexual. Manifestações de simpatia. Livros sobre amizade.

II - Expressões de afeto. Ideal da família. Abraços. Livros.

I – Amizades. Expressões de afeição. A mímica afetuosa. Mores de alguma juventude homossexual. Manifestações de simpatia. Livros sobre amizade.

Amizades.

As amizades fundamentam-se na afinidade, não no afeto, nelas secundário, até terciário: há-as duradouras, sinceras, e inafetuosas, e as há afetuosas da parte de um amigo, sem sê-lo da parte do outro; também pode havê-las reciprocamente afetuosas. Se unilateralmente afetuosas, o único significado do afeto está no (passe a expressão) enriquecimento interior do amigo afetuosos, a única diferença que lhe faz consiste em que sua vida sentimental (em acepção latitudinária) terá mais conteúdo e poderá determinar-lhe atitudes afetuosas. Se reciprocamente afetuosas, tais significado e efeito serão comuns a ambos amigos.

Amizade é tipo de relação humana de abertura para o outro, de aceitação do outro como individualidade, de reciprocidade e confiança; ela contém benevolência para com o amigo, não contém necessariamente carinho. As amizades carinhosas são raras e atípicas: poderão ser verdadeiramente fraternais, são as chamadas “amizades particulares” (em alusão ao livro “As amizades particulares”, de R. Peyrefitte) ou amizades amorosas, com natureza homossexual ou sem ela, e no segundo caso, com natureza apenas homofílica. As amizades carinhosas ante acentuada desigualdade etária podem ser paternais, isto é, compreender algum sentimento, da parte do mais velho, que teria um pai quanto a seu filho, de querer-lhe bem e até protegê-lo; reciprocamente, da parte do mais novo, compreenderá algum sentimento filial, análogo ao do filho para com seu genitor.

É da experiência humana a raridade de carinho entre amigos, conquanto haja (mormente entre jovens) camaradagem, entrosamento, intimidade em variegados graus; daí alguns vocativos típicos: “parça” (parceiro); “bróder”, “mermão” (dos cariocas).

Talvez haja algum componente de bissexualidade ou de homossexualidade (dissimulada ou não) na “broderagem” e na figura dos “góis” (por má analogia com “gays”), fenômeno anterior a tais neologismos e que consiste na atividade sexual de homens entre si, em forma de experimentação mútua dos corpos, mercê de masturbação recíproca em duplas ou em magotes, e outros tocamientos, amiúde na adolescência e na juventude, fenômeno que potencialmente acompanha a amizade ou a camaradagem de jovens, em que a liberdade de uns com os outros, a curiosidade, o desejo, ocasionam tais manifestações.

Expressões de afeição.

Nas sociedades de gênese cristã as demonstrações afetuosas entre homens são confundidas com expressões de homossexualidade e até mui recentemente eram censuradas, à conta da homofobia e da heteronormatividade; pouco se cultiva a afetividade e até se sustenta a ideia, tosca, de que o homem realmente masculino não exprime seus sentimentos, não chora, é “forte”; varões há ou havia segundo quem “homem não chora”, “homem não abraça homem”, “homem não acha homem bonito”, ditames preconceituosos, antiafetivos os dois primos e antinatural o terceiro. Somos deformados neste sentido desde crianças, quando devêramos ser educados sentimentalmente, isto é, com valorização dos bons sentimentos, com estímulo da simpatia, da empatia, da

cordialidade (em acepção etimológica), o que abarca a expressão de tais sentimentos. Em 1981, ouvi os preceitos de que “homem não acha homem bonito” e de que “homem não abraça homem”; vá lá que os ouvi de varão preconceituoso, de formação curitibana, prontamente obtemperados por moça de formação paulistana, em que a origem e a idade de cada qual terá concorrido para a diversidade de juízos.

Interessante manifestação afetuosa dá-se nas partidas de ludopédio (futebol), ao marcar-se tento (gol): reparai nos abraços que os jogadores dão-lhe ao autor, no toque dos corpos, nas mãos no rosto, no pescoço: quer-se proximidade física, toque, envolvimento de corpos, o que sucede em público, em homens, perante homens, à guisa de comemoração, em surtos de alegria: abraçam-se, tocam-se, apertam-se: tomai tento nas partes dos corpos que se tocam: mãos no rosto e na cabeça, cabeça em cabeça, peito em peito, e o mais que calhar, em movimento intenso e amiúde grupal, de aproximação e de toque. Trata-se de cenas psicologicamente interessantes, em que a expressão súbita e aguda de afetividade entre homens aceita-se, pratica-se, porventura até espera-se (e em que há componente de desejo homossexual em parte de quantos assim se tocam). Em programas de auditório de certames, o concorrente perdedor abraça o ganhador, em gesto (penso eu) insincero, praticado como parte da cenografia ou da encenação.

A mímica afetuosa.

A mímica afetuosa “começa pela tendência de aproximação; termina pelo contacto dos corpos ou de algumas partes do corpo.

É na escolha instintiva das partes que se põem em contacto que se revelam as diversas formas de afeição [...]”¹.

“A expressão dos sentimentos pessoais é concêntrica, centrípeta; a das afeições benevolentes é excêntrica e centrífuga.”²: a mímica dos sentimentos bondosos e afetuosos vai do sujeito para o outro. Na mímica do amor e da benevolência, tendemos a aproximarmo-nos do objeto amado: ela “modela-se sempre consoante a este princípio fundamental: aproximar-se do que se ama.”³

A mímica da afetividade amorosa (em sentido lato) é aproximadora: o efeito corporal do carinho é o de produzir movimentos de apropinuação de um corpo do outro; de parte do corpo de um, de outra parte do corpo do outro: mãos, braços, tronco, cabeça, lábios. Observe a forma como se tocam casais enamorados, como mães afetuosas tocam seus filhos (já infantes, já adultos), como amigos se tratam, como jogadores de ludopédio se aproximam, tocam, congregam e apertam ao celebrar a marcação de tentos.

“A afeição é força essencialmente centrífuga: ela tende a transvasar, por assim dizer, uma parte de nós próprios, na pessoa amada. Nosso *eu* sai quase por inteiro do próprio sujeito para entrar em outrem e incorporar-se a outra natureza humana.”⁴

Na sociedade brasileira, as manifestações afetuosas decorrem notadamente em família, se e quando ocorrem: entre pais e filhos, avôs e netos, cônjuges, irmãos; também há, contudo, pais indiferentes a seus filhos, irmãos odientos, parentes indiferentes, cônjuges sem amor.

“[...] somos educados como se não tivéssemos senão inteligência; a cultura do coração e do caráter fica inteiramente abandonada [...]. Temos até vergonha de parecer ternos e sensíveis”, declarava Miguel Lemos a Raimundo Teixeira Mendes, em 1879.

¹ P. Mantegazza, *A fisionomia e os sentimentos*. Paris, 1897, p. 119. Traduzi.

² P. Mantegazza, *A fisionomia e os sentimentos*. Paris, 1897, p. 111. Traduzi.

³ P. Mantegazza, *A fisionomia e os sentimentos*. Paris, 1897, p. 115. Traduzi.

“No momento dessa aproximação, manifestamos sempre sentimento de prazer, que tem vários significados diferentes; porém todas podem ser referidas a esse ponto principal: mostrar a alegria de estar reunido ao que se ama e o desejo de reciprocidade. P. Mantegazza, *A fisionomia e os sentimentos*. Paris, 1897, p. 115. Traduzi

⁴ P. Mantegazza, *A fisionomia e os sentimentos*. Paris, 1897, p. 116. Traduzi.

Em algumas regiões do Brasil, soem rapazes e moças cumprimentarem-se com ósculo e amplexo; no meio homo juvenil curitibano⁵, entre amigos e nas baladas, há uma década soía-se e de presente sói-se abraçar-se no cumprimento e na despedida, costume que, possivelmente, repete-se em meios homo de alhures, no Brasil, e que resultará de três motivos:

- 1) simpatia recíproca de seus integrantes, máxime nas décadas de homofobia mais intensa, por saberem-se vítimas (em variegados graus) da hostilidade ambiente (em família e fora dela), isto é, porque todos passassem por problemas análogos, sentiam um pelos outros empatia e solidariedade;
- 2) ausência do preconceito de que homem não abraça homem;
- 3) imitação.

Mores de alguma juventude homossexual.

Ao meio homossexual juvenil de classe média (ao menos em Curitiba) devem-se três melhoramentos de costumes:

- 1) a introdução de bom gosto vestimentário, nos anos 1990: até então, os cachopos heteros vestiam-se mal, não se sabiam vestir em seu cotidiano com um mínimo de gosto, até que os rapazes homo passassem a fazê-lo com elegância que, sem ser ostentatória nem luxuosa, denotava bom gosto; a pouco e pouco, por imitação, os moços heteros aprenderam algum bom gosto.

A geração ora cinqüentagenária e sexagenária vestia-se mal em jovem, característica que a acompanha até ao presente: as pessoas aprendem o bom e o mau, e nem sempre os largam; instalam-se nos costumes de seu tempo, nas marcas de sua geração: as pessoas são “históricas”, “datadas”, até certo ponto.

A contrapelo, nos anos 1990, a juventude portuguesa enroupava-se com assinalável bom gosto.

- 2) O uso de tom vocal baixo (e até mui baixo), na medida suficiente para o interlocutor ouvir, ao passo que as gerações anteriores são altifalantes: enquanto o jovem homossexual fala baixamente, seus pais e avôs fazem-no altamente e são ouvidos pelos circunstantes. Há de cinqüentagenários para mais que falam quase a berrar, em ambientes abertos ou cerrados, o que é desagradável; não lhes passa por grosseria, porquanto foram acostumados a falar e a falarem-lhes assim; nas gerações moças dá-se ao inverso (e ainda bem).

- 3) O uso de manifestações de carinho ao se cumprimentarem e ao se despedirem (jovens homossexuais em relação a jovens homossexuais), o que importa em aceitação da própria afetividade e de desinibição em comunicá-la, independentemente da idade de quem o faz e para quem o faz: mancebo para mancebo, mancebo para maduro, maduro para mancebo; concomitantemente, aliás, dissolveu-se, no meio homo juvenil, o preconceito (típico do meio hetero, e se chegou a existir no ambiente homo) de que jovens somente devem ter amigos de idades próximas (o de 18 anos pode tê-los de 17 ou 19, porém não de 22; o de 22 não os poderá ter de 27, 30, 35), em prol da amizade entre pessoas e não entre (exclusivamente) moços de idades idênticas ou mui próximas entre si, o que se averiguava já em meados dos anos 2000.

Conclusão: os jovens homossexuais (em 2022 de trintagenários para menos) são afetuosos, comunicam sua afetividade mais do que os heterossexuais, facto concernente ao meio de Curitiba, de povo normalmente taciturno e introvertido; no Brasil quente, ensolarado, simpático e acolhedor, as manifestações simpáticas são triviais, entre pessoas, não apenas entre jovens fanchonos.

Consta serem afetuosos os povos latinos (brasileiros, portugueses, espanhóis, italianos, franceses; estou em crer que também argentinos e mais povos da América do Sul), contrariamente aos retraídos britânicos.

Manifestações de simpatia.

⁵ É traço assinalável no *desbrasil* que é Curitiba, em que as externizações afetuosas são mui contidas e até ausentes, característica (dentre outras) do curitibóca, que não serve como exemplo recomendável de interação nem de afetividade humanas, e sim como seus contraexemplos, como tipo do humano taciturno, carente de simpatia e de calor humano, o que é sobejamente conhecido e facilmente reconhecido pelos forasteiros em Curitiba.

Augusto Comte (criador do Positivismo e da Sociologia) discriminou 18 funções afetivas, intelectuais e práticas no ser humano, o que nomeou alma humana ou quadro cerebral, em que o substantivo *alma* tem nenhuma acepção sobrenatural (teológica), mas sentido imanente, natural, e serve para descrever a natureza humana. As funções afetivas abarcam os sentimentos egoístas (voltados ao próprio indivíduo) e os altruístas ou instintos sociais (voltados a outrem); estes são o apego, a veneração e a bondade, inclinações de generosidade dadas, respectivamente, a quem nos seja igual, a quem nos seja superior, a quem nos seja inferior, tomados esses adjetivos quanto à idade, à condição social, intelectual, profissional — em suma, relativamente a critérios desiguadores. O sentimento de simpatia universal, Comte nomeou *humanidade* e adotou como critério de comportamento ideal do homem afetivo, inspirado tanto quanto possível pela simpatia para com pessoas, fauna, flora, para com a própria Terra, sentido em que é valioso educar o infante, o adolescente, o adulto: realçar a beleza moral dos bons sentimentos e seu mérito nas relações humanas, encarecer as manifestações de simpatia humana e desaprovar as de antipatia, já no trato pessoal, já nos costumes, já na política (em sentido latitudinário). Por exemplo:

a) *simpatia no trato pessoal*: saudar conhecidos ao invés de ignorá-los (lição para curitibanos), ser gentil em lugar de rude; ser atencioso; ser caloroso (como os brasileiros saber ser), que não seco (como os curitibanos sóem ser); empregarmos vocativos como “meu amigo”, “prezado colega”; sermos amistosos com os amigos e também com estranhos.

b) *Simpatia nos costumes*: cultivarem-se relações de amizade, de família, de vizinhança, de coleguismo; oferecerem-se flores ou prendas por ocasião dos anos de outrem, aporem-se flores nas tumbas de nossos mortos queridos, na conversação termos tato para não melindrarmos o interlocutor, usarem-se fórmulas de polidez (por favor, por obséquio, por graça, por mercê; desculpe-me; obrigado, grato, bem haja; com licença), ensinar-se empatia às crianças.

c) *Simpatia na política*: espírito público, zelo do bem comum, esforço pelo melhoramento da condição de vida do público em geral (incorporação do proletariado à sociedade, na fórmula positivista).

Nas classes média média, média alta, e alta, a simpatia no trato pessoal equivale às boas maneiras: gente polida pratica-a, quer espontaneamente, quer *por educação*; gente rude é-o por carência de boas maneiras, isto é, de consideração para com o próximo: a falta de polidez sempre se dá na relação com outrem, a quem o rude trata com escassa amabilidade ou sem ela.

Empenhado na educação (em sentido próprio de formação de valores, orientação de comportamentos, dotação de conteúdo intelectual) Comte instituiu a Biblioteca Positivista, acervo de livros cuja leitura recomendava, de história, filosofia, literatura e ciência, em que inseriu *Paulo e Virgínia* (de Bernardino de S. Pierre, de 1787) e *O vigário de Wakefield* (de Olivério Goldsmith, de 1761): aquele descreve a simpatia mútua de seus heróis; o segundo expõe a bondade de seu protagonista e os hábitos simpáticos de sua família; ambos dão o exemplo de humanidade.

Livros sobre amizade.

O leitor interessado no tema da amizade lerá, proveitosamente:

- 1- *Psicologia da amizade*, de Mário Gonçalves Viana.
- 2- *A Amizade*, de Francisco (Francesco) Alberoni.
- 3- *Educar para a amizade*, de Gerardo Castillo.
- 4- *Da Amizade*, de Ana (Anne) Vincent-Buffault.
- 5- *Memórias de duas amizades*, de Arthur Virmond de Lacerda Neto.
- 6- *Sentimentos e costumes*, de André Maurois.

II- Expressões de afeto. Ideal da família. Abraços.

Expressões de afeto.

Dentre as características que individualizam o ser humano e o distinguem dos animais, contam-se o desenvolvimento superior das suas inteligência e afetividade: mais inteligente de todos os seres vivos, o humano é também o dotado da maior capacidade afetiva, de experimentar sentimentos e de exprimi-los, tanto os maus quanto os bons.

São maus a inveja, a possessividade, o ciúme, o ódio, o ressentimento, a zanga, a animadversão, a antipatia, o desprezo, a altanaria, a vaidade, a intolerância, a prepotência, a indiferença. Todos eles provocam, em graus diversos, alguma espécie de sofrimento no nosso semelhante e identificam-se na sua comum atitude negativa em relação a ele.

Por outro lado, há o carinho, a bondade, a admiração, a veneração, a ternura, a paciência, a compaixão, a tolerância, a fraternidade, o desprendimento, a solidariedade, o preocupar-se com os outros. Todos eles propiciam, em medidas várias, algum tipo de conforto no nosso semelhante e caracterizam-se por sua comum atitude positiva acerca dele.

No caso dos bons sentimentos, predomina o altruísmo; no caso dos maus, o egoísmo: naqueles, achamo-nos com o outro, somos nós mais o outro; nestes, achamo-nos sem o outro, apesar dele, até contra ele, somos nós menos o outro. Aqueles aproximam e unem, estes, afastam e dividem; aqueles felicitam nosso semelhante, estes, infelicitam-no ou, quando menos, não o felicitam e possivelmente infelicitam-nos a nós.

Assim como há variações de temperamento entre as pessoas, também as há de afetividade: cada pessoa encarna um sistema de sentimentos em que os bons e os maus combinam-se em diferentes proporções e verificam-se em diferentes situações.

Entre uns e outros, são preferíveis os bons. Porém adotá-los apenas, talvez não baste: é enriquecedor da relação humana exprimi-los: sensibilidade que se não confessa, que se não deixa perceber (por palavras, atitudes, gestos, sorrisos, tons vocais), é sensibilidade inexistente para quem a votamos.

Aspecto da diversidade entre as pessoas corresponde às múltiplas formas como elas exprimem-se afetivamente, desde quantas, por timidez ou por temperamento, contêm-se e ocultam seus sentimentos, até quantas exteriorizam-nos.

Há vários modos de exteriorização do afeto e do carinho: alguns preferem presentear por ocasião dos anos da pessoa; outros, parabenizá-la por seus anos; até poucos lustros, remetiam-se cartões e mensagens de final de ano (também por consideração e reciprocidade). Casais enamorados dão-se as mãos, beijam-se, recostam-se um no outro e deixam-se ficar assim, em silêncio: de mais não carecem: basta-lhes a proximidade física, sentir um o corpo do outro. O tom vocal meigo exprime carinho; também vocativos em que se trata o interlocutor pelo sentimento que se lhes vota (“amor”, “paixão”) ou que diretamente confessam bem-querer ou simpatia (“querido”, “querido amigo”, “meu querido”, “meu amigo”, “menino”, “meu rapaz”; nomes no diminutivo: Arthurzinho, Joãozinho)⁶.

Tudo vale em jeito de comunicação do sentimento afetivo: cada qual a seu modo, como o souber ou puder comunicá-los, já por palavras, já por ações: proferir palavras, usarem-se vocativos, presentear, dar flores, redigir dedicatórias em livros, parabenizar pelos anos, sorrir, abraçar.

A timidez, a introversão, a insegurança, a educação repressora, os preconceitos machescos, induzem ao desestímulo e até à ocultação de sentimentos carinhosos de homens para com homens e de homens para com pessoas em geral⁷; a extroversão de temperamento, a espontaneidade no trato humano, a educação em famílias

⁶ Escusa insistir na raridade de semelhantes manifestações em Curitiba e na frieza típica dos curitibanos.

⁷ Esses mesmos condicionamentos estimulam às expressões afetivas heterossexuais; os homens (em acepção masculina) são homofílicos (congregam-se entre, amitam-se entre si, mais do que com mulheres): são homoafetivos (em sentido latitudinário, ainda que não o sejam em sentido homossexual).

afetuosas, a ausência de preconceitos anti-afetivos, a convivência com gente afetuosa, os bons exemplos, a vida em climas ensolarados, constituem estímulos do calor humano e de sua comunicação.

Atitudes e sentimentos são comunicáveis e mutuamente estimulantes: as primeiras despertam os segundos que, por sua vez, induzem-nas: atitudes de simpatia, de amizade, de solidariedade, de bondade, tendencialmente suscitam sentimentos gratos em seus destinatários o que, por sua vez, determina-lhes (até certo ponto) reações bondosas; comportamentos benevolentes excitam (em tese) comportamentos benevolentes e instauram boa relação entre as pessoas, de onde o preceito de que gentileza gera gentileza, generalizável para bondade gera bondade, atitude gera atitude. Porquanto nem sempre nem forçosamente, *começa tu por tratares bem, toma tu a iniciativa de fazê-lo; de seguida, trata reciprocamente, como te trata quem tu trataste bem: sê cordial e gentil e bondoso; a seguir, sê recíproco.*

Tendencialmente, as pessoas modificam a forma como nos tratam quando modificamos nós a maneira como as tratamos: há ações e reações: o tratar bem suscita, reciprocamente, bom tratamento; o tratar mal ocasiona, simetricamente, mal tratamento ou distanciamento. Constitui elemento de civilidade tratar bem.

A educação do homem (como aquisição de valores, de princípios de comportamento, de hábitos de interação humana) deve compreender a educação sentimental, em que se encareçam os bons afetos e se subalternizem e até erradiquem os maus. É valioso educar para a *humanidade* (bondade para com todos) e para a comunicação dos afetos de apego, veneração e bondade.

Ideal da família.

O ideal da família implica o dos sentimentos e do entrosamento entre seus componentes; ele não significa “ideal da família heterossexual cristã, notadamente evangélica”, tal como os “conservadores” brasileiros e cristãos entendem-na: significa a relação de intimidade, afetividade, amizade na chamada família nuclear, tanto homossexual quanto heterossexual, bem assim (em grau menor) na família extensa. Casal é homem com homem, homem com mulher, mulher com mulher, e filhos próprios ou adotivos nos três casos (para além de outras composições familiares). O senso de família não é inerente nem sobretudo “religioso” (teológico, entenda-se: cristão): é humano e espontâneo, independe de qualquer adesão a valores bíblicos, ao preceituário das igrejas, aos ditames preconizados por padres e pastores. A desejável secularização da sociedade deve abarcar o encarecimento, inteiramente laico, do valor da família, entendida como centro de afetos, de bondade, de solidariedade, de todo alheio à teologia⁸.

A família (nuclear) é o meio em que (idealmente) despertam os afetos enternecidos e em que eles se manifestam: veneração dos filhos por seus genitores, progenitores, tios; apego de irmãos entre si; bondade de pais, avós, tios, por seus filhos, netos, sobrinhos⁹. Notadamente as mães apegam-se a seus filhos, por quem nutrem sentimento de carinho e proteção em geral intenso e vitalício, mais possivelmente do que os pais. Nas últimas décadas, as relações entre pais e filhos tornaram-se (até certo ponto) de amizade, companheirismo, abertura, em contraste com as de 40 anos para trás, em que predominavam distanciamento, autoritarismo, ausência de amizade, até violência física, com variações de família para família¹⁰.

Havia e há famílias harmoniosas, como as há conflituosas; há casais infelizes; há pais e filhos, irmãos, reciprocamente amistosos, bem assim os há inamistosos, frios, indiferentes, até odientos. “Irmãos inimigos”, título de peça de Molière, é também descrição de facto da vida, a que se pode adicionar: pais indiferentes, homofóbicos (nas classes baixas, entre evangélicos, no interior), irmãos ciumentos, maus filhos; a contrapelo, há

⁸ Em ambientes das capitais, de famílias de classes média média, média alta, alta, será geralmente despicando negar a associação entre família e cristianismo, associação presente nas classes média baixa e baixa, de público católico e evangélico, presente nos arrabaldes das cidades grandes, das capitais e no interior.

⁹ Emprego linguajar positivista, tal como Augusto Comte discriminou os instintos simpáticos, isto é, sentimentos afetuosos: apego (afeto entre iguais), veneração (afeto pelos superiores), bondade (afeto pelos inferiores e pelas pessoas em geral, este chamou-o humanidade).

¹⁰ A violência física de pais em filhos crianças resultou diretamente de preceitos veterotestamentários: representa influência perversa da leitura da Bíblia.

casais felizes, pais amigos de seus filhos, mães carinhosas e dedicadas à sua prole, pais colaboradores, irmãos solidários, avós babados por seus netos.

Idealmente, as famílias devem constituir-se com base no afeto e na solidariedade mútuos; bons pais nutrem o primeiro e praticam o segundo, conquanto nem todos sempre estejam à altura desse papel, já por não o compreenderem, já porque, humanos e falíveis, têm limitações idiossincráticas, problemas pessoais, histórias de vida adversas que lhes interferem na qualidade da relação familiar. Hemos¹¹ de saber compreender as pessoas em sua falibilidade, em sua imperfeição, não as levar com rigidez demasiada, ao mesmo tempo em que há, cada um, de exercer esforço sobre si próprio em prol da harmonia com os seus: que cada um cultive o ideal da família: da relação mutuamente amistosa e construtiva, em que todos sintam-se acolhidos e de facto o sejam.

Em família, *sê bondoso, usa a bondade como norte de tua relação; sê carinhoso, exprime teu carinho; sê amigo, exprime tua amizade; sê dedicado, exprime tua dedicação*. Na verdade, tal preceituário deve, idealmente, reger o comportamento humano em geral, baseado no altruísmo em sentido lato, no que Augusto Comte nomeou *humanidade*, como sentimento; podemos nomear assim o comportamento respectivo: sentimento de bem-querer, comportamento de bem tratar.

Como nos haveremos com a maldade, com o egoísmo, com os ódios, com formas várias de comportamento negativo, já em família, já na relação com outrem? Diligentemente: com atitudes defensivas ou reagentes, sempre com sabedoria e firmeza, com senso de proporções e caso a caso: não nos devemos submeter passivamente a injustiças, a situações erradas, a maus tratamentos; havemos de saber clarificar as situações, desafrontarmo-nos quando agravados; chamar a atenção de terceiros, quando for o caso; pôr limites a terceiros abusados, reagir oportuna e firmemente.

Tanto o exercício da humanidade quanto o da defesa (em família e na sociedade em geral) aprendem-se por experiência própria, por observação da alheia, por reflexão; daí a valor dos anos de vida e da experiência dos mais velhos, e diferença assinalável entre os jovens (inexperientes ou menos experientes) e quantos já transcenderam a juventude.

Abraçar.

Como expressão afetiva, alguns abraçam: praticam o gesto, físico e afetivo, de aproximação: peito contra peito é o mesmo que coração junto de coração; são duas afetividades que se confessam, dois corpos que se tocam.

Ocasionalmente, as pessoas carecem de atenção, carinho, afeição, consolo; não os têm, não os recebem, amargam-lhes a falta, confrangem-se por isto, o que lhes chega a causar alterações orgânicas: o físico padece quando sofre o moral. Em outras ocasiões, elas acham-se imbuídas de carinho, de afeição, de bem querer, de alegria, de felicidade; ou têm momentos específicos, afetuosos ou felizes, ou épocas de vida felizes, em que se lhes transborda a afeição: é quando expressam sua afetividade e (dentre outras manifestações) abraçam.

O abraço é gesto de carinho, externalização de afetividade; é humano e principalmente é bom: abraçar é agradável, é gostoso, ocasiona sensação de prazer emocional, de conforto psicológico e físico: o organismo beneficia-se quando experimentamos boas emoções, e Comte já observara: “A melhor maneira de ter boa saúde é cultivar a benevolência”, haja vista as relações entre o físico e moral do homem (como as designou Cabanis), entre o estado afetivo e a saúde, como efeitos psicossomáticos do estado emocional da pessoa: o ato de abraçar excita o cérebro a produzir dopamina e oxitocina (hormônios causadores de sensação de prazer).

Os toscos, notadamente homens, porventura confundem o abraço com inclinações homossexuais, motivo por que evitam abraçar e desgostam-se quando abraçados, em preconceito que dificulta a expressão afetiva e, portanto, inibe uma forma de felicitar-se as pessoas. Por idiossincrasia, por desgosto de contactos físicos, por timidez, o abraço será incômodo para alguns, como pode também sê-lo dependendo da ocasião e de seu autor específico em relação a seu recipiendário específico: abraçar pode ser invasor, não é forçosamente bem-vindo,

¹¹ O verbo haver comporta duas formas no presente do indicativo: hemos e havemos, igualmente corretas, de que a primeira entra na composição da mesóclise (seja exemplo: encontrar-nos-emos), como o verbo ir: vamos ou imos. Vide *Dicionário Caldas Aulete*, 1958.

embora geralmente o seja. Os tímidos, os introvertidos, os melancólicos, têm menos espontaneidade e desenvoltura para abraçar do que os extrovertidos e alegres.

Entre brasileiros era usual a fórmula de despedida (e até de saudação) “Aquele abraço”, em que o pronome designava, em subtexto, abraço especial, caloroso; intitula canção de Caetano Veloso, de 1969.

Há abraços amorosos, entre quem se ama, bem assim os há afetuosos, confessores de amizade, compreensão, solidariedade, perdão, carinho, amor, bondade, simpatia, empatia, consolo, alegria, pêsames: tudo isso é bom, como o é manifestar tudo isso e ser objeto disso tudo. Há abraços entre conhecidos, amigos, colegas, camaradas, parentes, desconhecidos; ocorrem entre quem já se conhece e (no meio brasileiro) entre quem se conheceu na ocasião em que ele se dá. Alguns ocorrem por pura espontaneidade; outros, em surtos de alegria (como entre ludopedistas, ao marcar-se tento; em festas de anos; em comemorações de êxitos); a ainda outros induzem sentimentos gratos, ao ser homem objeto de especial atenção de outrem (ao ser presenteado com prenda que o sensibiliza, por exemplo).

É bonito abraçarem-se pais e filhos, pais entre si, irmãos entre si, amigos entre si, estranhos entre si, porque é bonito uma pessoa abraçar outra, como é bonito, e humano, tratarem-se carinhosamente as pessoas, por gestos, atitudes e palavras; fazê-lo em presença de outrem propicia o (bom) exemplo e (potencialmente) ocasiona imitações, hábitos individuais e costumes coletivos.

Livros:

Sobre família e amizades: *Sentimentos e costumes*, de André Maurois; ficção: *O vigário de Wakefield*, de Olivério Goldsmith (boa tradução de Nair de Lacerda, na coleção Saraiva).

Sobre como haver-se em sociedade: *A arte da prudência*, de Baltasar Gracian.

Sobre educação afetiva: *Catecismo positivista*, de Augusto Comte (coleção Os pensadores, volume “Comte”).

Sobre efeitos psicossomáticos: *Rapports du physique et du moral de l'homme*, de Pedro João Cabanis; *Quem ama não adocece*, de Marco Aurélio Silva.

Sobre a mímica dos sentimentos: *La physionomie et les sentiments*, de Paulo Mantegazza.

Sobre a influência dos afetos no comportamento humano, consoante o quadro cerebral de Augusto Comte: *Le coeur humain et les lois de la psychologie positive*, de Antonio (Antoin) Baumann.

Sobre reciprocidade na interação humana: *Bilhões e bilhões*, de Carlos Sagan.

Em que “o prevaecimento (e a aplicação habitual) da sociabilidade são direta ou indiretamente apresentados como representando a cabal solução para o problema dos conflitos humanos”: documentário do Youtube: *A Revolução do altruísmo*; de João Bowlby: *Apego*; de Pedro Kropotkin: *O Apoio Mútuo*; *Gestos de Bondade: uma coletânea ao acaso*; *Humanidade. Uma história otimista do homem*, de Rutger Bregman; películas: *A Corrente do Bem* e *O Óleo de Lorenzo*¹².

¹² Contribuição de Hernâni Gomes da Costa neste parágrafo.